

Resenha de/ Review of
CARR, Nicholas, *Glass Cage – Who needs humans anyway?*
Vintage, 2016, London

Renato Martins¹

É desconfiança recorrente em relação aos pensadores da tecnologia a sua simpatia para com o Ludismo e demais características pessimistas e destrutivas em relação às atualizações e novidades mecânicas que emergem na sociedade moderna. Pareceria ser esse o objetivo deste mesmo livro, atendendo aos vários exemplos de profissões em risco de sofrer alterações profundas ao ponto de tornar obsoleto o “artesão” tradicional na realização do seu trabalho. São exploradas várias destas atividades “artesaniais” que correm risco de transmutação devido ao aumento da automação: médicos, pilotos, farmacêuticos, arquitetos, condutores ou artistas. Neste sentido se iniciará o primeiro capítulo como um manifesto que levante preocupações com o crescimento do desemprego e o aumento de uma quantidade elevada de profissionais qualificados sem utilidade neste admirável mundo novo. O fantasma da especialização profissional preconizada por Smith que decai numa substituição do trabalhador pela máquina continua a encontrar manifestações no mundo contemporâneo. Contudo a preocupação acerca desta substituição não é agora, como no tempo de Ned Ludlam mecânica, mas antes digital. Se o mecanicismo no trabalho encontrava formas de substituição pela potência e poupança nos ordenados, o problema da substituição digital é de outro tipo: a autonomia dos mecanismos destitui o Homem de faculdades mecânicas e reconstrói o trabalhador como entidade decisora, seletiva e contemplativa dos resultados. É de notar este avanço de Carr em relação à sua última aclamada obra “The Shallows”, onde fazia recair a atenção para uma esfera mais privada do homem leitor a ser substituído pelo homem consumidor de informação. O tema neste livro já não é a perda do homem do conhecimento imerso em bibliotecas em detrimento do homem informado que se perde na fragmentação dos cliques da

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade de Lisboa. Investigador em Inteligência Artificial, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. E- mail: renatomartins@portugalmail.com

internet, é sim acerca da envolvimento do novo trabalhador numa economia e sociedade fortemente automatizadas e a procura de resposta para um equilíbrio que reponha um balanço entre o Homem e a máquina.

Não obstante, muitas das teses originais permanecem, como seja o fato de que o que é visível não se interioriza, a ausência leva ao elemento valioso da epistemologia que é a dúvida, a memória tem um papel fundamental na aprendizagem, e, caso haja ajuda eletrónica na aprendizagem o ser/aluno/pessoa acaba por não aprender a pensar – aquilo que o autor refere como “generation effect”.

Nicholas Carr fundamenta a opção na mecanização a nível filosófico no elogio à matemática realizado por Whitehead (Cap.IV), mas que também encontra apoio noutros apologistas da sociedade do conhecimento com o seguinte argumento: um aglomerado tão grande de dados terá inevitavelmente de se transferir para modos processuais de dados do tipo artificial – exigência requerida pela insuficiência da inteligência humana.

O excesso de informação e o ‘cognitive overload’ tinham sido já os temas trabalhados pelo autor em “The shallows” e que não desaparece nesta obra, mas que trata de caracterizar as problemáticas do conhecimento simbólico em detrimento do conhecimento sensorio-motor legado por John Dewey. À saturação da mente embebida nos estímulos artificiais da comunicação informativa que antes preconizou Carr, observa agora a habituação do ser ao automatismo como se a novidade ao deixar de o ser passasse a se tornar numa afetação indiferente que a torna quase invisível (C. VIII). É a interpretação de Mario Vargas Llosa ao trabalho de Carr: a modalidade “conhecimento produto” é alvo de aquisição em detrimento da compreensão: “[A internet] é um utensílio que passa a ser um prolongamento do nosso próprio corpo, do nosso próprio cérebro, o qual, também, de uma maneira discreta, se vai adaptando pouco e pouco a esse novo sistema de se informar e de pensar, renunciando pouco a pouco às funções que este sistema faz por ele” (Llosa, 2012, p. 203). Mas com este habitualmente arrasta-se igualmente uma experiência e uma aquisição de conhecimento vulgar e repetitiva sem espaço para a aventura e o risco, que no mundo laboral reclama o autor estarmos no ressurgimento do Taylorismo.

A pergunta que surge então é no que se distingue este manifesto de Carr em relação às formas de produção da revolução industrial que levaram à estandardização e que tão classicamente se figuram na personagem de Chaplin em "tempos modernos". A resposta é o desaparecimento da sensibilidade motora e substituição por um conjunto de regras acarretando para o Homem um aumento de poder de decisão em detrimento de um poder de realização. Sob pano de fundo mantêm-se a defesa da ergonomia contra a automação, do conforto para o Homem que não é máquina e da crença nas capacidades criativas do ser agente, "reclamando as nossas ferramentas como parte de nós próprios, como instrumentos de experiência em vez de apenas meios de produção" ² (cap. IX). Uma das tecnologias exemplificadas é o GPS (C. VI), mecanismo que estimula o ser por um conjunto de regras que o guia até um determinado ponto. Esta forma de descoberta de um sítio enquanto objetivo do conhecimento adquire formas contrastantes com os clássicos mapas em que o ser necessita de encontrar a distância mais curta entre A e B. O GPS é um meio que coloca o ser no centro do processo, fazendo o utilizador ignorar o seu espaço, assim como descoberta de localizações espaciais intermediárias para atingir o sítio pretendido. Não só este aparelho tem como consequências o enfraquecimento da memória espacial – o utilizador não necessita de reconhecer paisagens nem ter perceção visual – como ignora o ganho especial que tem para a criatividade humana a sensação de se estar perdido. A ausência como elemento de perturbação à cognição constitui a oportunidade para ganhos na componente criativa, de criação de hipótese e de experimentar o erro. A noção de risco e comprometimento é então um pedido de Carr para o atual mundo da automatização. Mas mesmo o elogio ao experimento que seria de esperar como forma de sair da automação encontra-se comprometido com a vanguarda do software informático de arte digital. O próprio artista clássico encontra-se comprometido quando lhe é dada a oportunidade de tentar e apagar o rabisco artístico. Da mesma forma que a fotografia digital elimina a experiência das fotografias em pequena quantidade, cujo olho do artista tendia para captar a perfeição do momento, também na pintura ou arquitetura o autor encontra-se confrontado com as possibilidades ilimitadas de desenho, desaparecendo o inspirador prévio do projeto futuro para surgir o experimentador e

² Tradução livre.

ajuizador do efeito do rabisco. Carr chama-lhe 'parametricismo' e evoca como a liberdade afinal também é um defeito na arte. Outros exemplos além de estéticos podem ser avançados neste efeito. Na investigação, o Google é outra ferramenta que aparenta ter o estatuto da liberdade educativa mas que Carr denota os efeitos negativos que as sugestões de procura baseada nos caracteres alfabéticos utilizados. À evidente necessidade que um investigador necessita para formular tópicos de procura, o Google contrapõe com sugestões relacionadas com as letras que o utilizador vai colocando na busca. O utilizador não tem a liberdade da criação de um tópico ex-nihilo, já que ao mínimo carácter o Google redireciona-o para sugestões baseadas na procura de outros investigadores. (Cap. VIII)

Este livro consegue contudo encontrar formas mais dialogantes com o movimento digital e a era da nova mecânica cibernética. O feedback é incluído no pensamento de Carr e o próprio acaba por impulsionar uma mecanização mais bem-sucedida, ao invocar que a retroação homem-máquina está a atingir um ponto problemático, nomeadamente o desaparecimento do elemento motor nas etapas do conhecimento e a exigência de poder decisório a uma fonte que não o tem. Nesta reside a diferença entre um ludista clássico e um crítico da tecnologia digital: não desconsiderando o valor que a técnica deu à humanidade e valorando a extensibilidade como uma potencialização produtiva para os resultados esperados do corpo, a nova teoria propõe denotar como estes instrumentos se foram tornando invisíveis. De prolongamento congénito do Homem, a tecnologia é hoje espaço do sujeito imerso que não identifica as águas por onde nada. Omnipresente, complexa e invisível, a automação convida a uma hibridização cognitiva (cap. VI). Em alternativa o autor propõe o Fluir de Mihaly Csikszentmihalyi como experiência de imersão do sujeito na situação cheia de contingências, melhor conhecedor num ambiente mais calmo que seja livre de rotina. (Cap. IX)

No que respeita às ciências da educação, encontramos uma reflexão que permite descortinar a aprendizagem digital no séc. XXI, afastada de meios, ambientes e situações e aproximada de símbolos, decisões e interiorizações. Não só permite a automação um afastamento do aluno com a realidade como também lhe exige tomadas de decisão virtuais que o próprio, embora sentido conforto, não poderá ter rigor. Entre uma visita de estudo à capela sistina e uma visita virtual à

mesma, o ganho informativo desta última é superior mas a vivência da mesma é o aspeto que fica descurado – aspeto subjetivo que diminui a motivação e a memória focada. Experienciar a capela sistina é também uma atividade motor em que a percepção se ajusta/otimiza aos conteúdos visuais (Dreyfus, 1996). As pinturas cobrem um tecto alto numa sala ampla e silenciosa. A localização das pinturas não é um acaso, forçam o visitante a olhar na direção do céu para as contemplar à distância que Miguel Ângelo as quis colocar do contemplador. Os conteúdos objetivos do conhecimento digital são insuficientes para uma completude de conhecimento se não forem acompanhados das fruições subjectivas que a arte exige.

Referências

John Dewey, *The Reflex Arc Concept in Psychology* (1896)

Mario Vargas Llosa, *A civilização do espetáculo*, Lisboa, Quetzal editores (2012)

Nicholas Carr, *The Shallows*, Atlantic Books, London (2010)

Mihaly Csikszentmihalyi, *Flow: The Psychology of optimal experience*, New York (1991)

Hubert Dreyfus, *The Current Relevance of Merleau-Ponty's Phenomenology of Embodiment* (1996)